# PORTO

ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO ACADEMICA DO PORTO

-PUBLICA-SE QUINZENALMENTE -

Red. Princ.—ANTONIO SARMENTO Secret. da Red.. JOAQUIM MOREIRA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua de S. Bento da Victoria, 10-1.º--Porto

Director — AUGUSTO SARAIVA

Administ.: CARLOS AFONSO Editor: MACIAS TEIXEIRA

AVULSO, \$50 Cent.

Comp. e imp. na TIPOGRAFIA GONÇALVES Rua do Almada, 348—Porto

### Comentários

Parece-nos que ainda êste ano será um facto a reorganisação do Orfeão e da Tuna. Esta já principiou os ensaios tendo como regente Modesto Osorio o incansavel trabalhador a quem a Academia muito deve; aquele ainda êste ano iniciará os ensaios tendo como regente um distinto professor da Universidade e critico de arte. Não basta porêm uma boa Direcção e um excelente Regente. É principalmente necessario que os elementos desses grupos artisticos se conpenetrem dos seus deveres e se capacitem de que o bom exito depende do seu trabalho e boa vontade. Se todos trabalharem com persistencia e vontade muito breve veremos o Orfeão e a Tuna a caminho da glória continuando a sua carreira triunfante cuja primeira étape foi a viagem triunfante cuja primeira étape foi a viagem a Madrid. Diz um velho ditado: Querer é poder. Se todos nós quizermos .. o Orfeão e a tuna voltarão a ter os seus dias de tri-unfo e de gloria. Basta que todos se interessem um pouco pela existeucia das duas das mais belas obras da Academia do Pôrto.

Sabemos que algunas pessoas andam pelos cafés a criticar os actos da Associação dizendo mesmo que dentro dela se faz politica reacionaria. Como pelos estatutos a Associação não se póde ocupar de assuntos políticos ou religiosos tínhamos muito gosto que essas pessoas concretisas sem assuas afirmações apresentando factos. Nós que já há alguns anos estamos na Associação e temos acompanhado de perto a sua vida, ainda não démos por essa polia sua vida, ainda não démos por essa poli-tica de que se fala nos cafés. Será defeito da nossa vista mas não nos parece pois chegamos a ver coisas que outros não veem. Será má lingua? Certamente não é outra coisa.

Fez no passado dia quinze anos que a Associação dos Estudantes do Pôrto iniciou a sua existencia. A Associação Académica como sua legitima sucessora, elaborou já um plano de festas que brevemente se efectuarão e que não puderam realizar-se no dia 5 por motivo de férias. Nessa altura publicaremos um interessante resumo da vida da Associação desde 1911 até hoje, resumo que constituirá uma homenagem a todos os que tem dedicado grande parte da sua iniciativa e trabalho a esta colectividade.

Visitou-nos na passada semana esse novo mas já glorioso grupo artistico que se chama o Orfeão Académico de Lisboa.

O numero de excursões que até hoje efectuou mostra-nos quanto podem o persistente trabalho duma direcção e a boa vontade dos orfeonistas. A sua estada no Porto alem de constituir em exemplo deve ser um incentivo para todos nós afim de que brevemente o nosso Orfeão possa retribuir condignamente a visita que nos

Os membros da Direcção 1924-25 reunir-se-hão brevemente numa intima festa de que falaremos.

di as louge ingressivels da

## FALSAS

### Interpretações

Nos arraises da politica académica há altos rumores contra aquilo que dizem ser va parcialidade política da Associação Academica do Porto" e, ao que me consta, há quem se queixe, tambem, da orientação seguida pelo Porto Académico, isto é, da sua cor politica, que os republicanos dizem ser azul e os monárquicos, ás vezes, parece que acham

Este daltonismo, embora curioso, não me surpreende.

É já hábito velho, entre nós, só achar digno, sensato, e sobretudo imparcial, o que concorda com o que pensamos, ou aquilo com cujo espírito concordamos. Está isso tão entranhado na mentalidade da nossa terra, é tal a tendencia para interpectar as palavraas e as acções dos outros, atribuíndo-lhes as intenções que nos repugnam, que eu aceito como sinceros os reparos dêstes enamorados da política. Mas se os

aceito como sinceros, repudio os como menos verdadeiros.

Eis porque me cumpre afirmar—não por um dever de ofício, ou porque seja obrigação minha, que não é, defender a despeito de tudo a A. Académica, mas porque afirmando-o, afirmo si aplesmente uma verdade
— zis porque me cumpre afirmar, dizia, que nenhum acto foi até hoje determinado por qualquer espécie de razões políticas, na Associaçãa Académica do Porto.

Mas em que base essentam as impressões que por aí correm? Apontam os republicanos, como prova indiscutivel de manifestação política reaccionária, por parte de A. A. o facto de ser convidado para realisar uma conferência na Universidade o Snr. Antero de Figueirêdo, monárquico. O argumento seria fraco em quaisquer circunstâncias. Mas cae, redondamente, se atendermos a que o nome do Snr. A. de F. foi lembrado por um republicano dos muitos que fazem parte da Direcção

Se a conferência se ressentiu dum excesso de subjectivismo do Porto para cujo desenvolvimento todos devemos trabalhar. moldado nas convicções políticas e religiosas do conferente, tanta culpa tem disso a Direcção, como os senhores que me estão lendo,

Quanto ás manifestações politico-monarquicas do Porto Académico parece apontar-se como facto único mas decisivo as saudações que êste dirigiu em tempos á «Acção Académica» orgão monárquico. Toiice evidente, que nem seguer na ocasião me mereceu daqui uma resposta, tura»pois, como então não tenho dúvida em saudar agora, e com desvanecimento, a «Acção Republicana» abstraindo da sua orientação politica está claro, como fizera com o jornal monárquico.

É que o «Porto Académico não é azul nem é vermelho Ele é branco, se por isso se pode exprimir a sua neutralidade ou inditerença

politica, a par da sua feição estruturalmente académica.

Tem a vida académica aspectos manifestamente políticos? Esses que os tratem os dois jornais de feição política, que presentemente aí existem.

Há, porém, uma vida propriamente académica. Há que defender interesses comuns — e não são eles poucos — há que congregar e dar vulto ás aspirações caracteristicamente académicas. Isso compete acima pelo que pedimos desculpa a Celso de tudo, a êste jornal. Dentro dêle tem eco a voz de todos os estudantes, Magalhães. sejam quem forem, venham donde vierem. Penssando assim, creio manter-me. digam o que disserem os vários cavalheiros, dentro da tradição e do verdadeiro pensamento académico.

Não! Que os senhores enfraqueçam, como lhe aprás o espírito académico, quebrando-lhe a força e a coesão, é um direito que não lhes

quero contestar. Mas que ainda por cima censurem os que, podendo dar satisfação ás mesmas paixões, as sacrificam voluntariamente à unidade da causa académica, é uma audácia que não lhes posso consentir, sem que a minha consciência se erga num protesto decidido e firme.

A. SARAIVA

#### Comentários

Continua no mesmo pé a greve aça-demica. Já lá vão três meses e outros virão sem que as entidades competentes se apressem a dar uma solução ao assunto. De vagar se vai ao longe. O tempo não está para canceiras e o assunto não tem importancia. Que importa que as aulas não funcionem e que algumas centenas de estudantes percam o ano. Isto são ninharias que não prendem a atenção. Se fosse um assunto de magna importancia ia por aí uma azafama de mil diabos. Assim.... é esperar e ter paciencia que mais sofreu

Já ouvimos dizer que para remediar os inconvenientes da gréve, o ano lectivo seria prolongado criando-se uma epoca de exa-mes extraordinaria. Oxalá assim aconteça pois que os grevistas não teem culpa que as suas reclamações justas não sejam estudadas e solucionadas com a urgencia necessaria, por quem tinha o dever de o fazer. Com tantos mêses para estudar o assunto oxalá não tenhamos ocasião de fazer aquela pergnnta: Como vais Belchior?

No dia 1 do corrente iniciou a sua publicação mais outro quinzenario de estudantes, a Acção Republicana ao qual desejamos uma longa vida. Não podemos abandonar o caminho que ha quatro anos traçamos para fazer uma mais larga referencia. No entanto esperamos que da sua acção unica-mente resultem beneficios para a Academia

Tambem começou a sua publicação em Lisboa, um bela Revista de Letras - «Cul-

tura» — que nos deu o prazer da sua visita.

Dirigido por alguns alunos da Faculdade
de Letras daquela cidade, apresenta-se brilhantemente colaborada e com um interessante aspecto gráfico.

Publicamos nêsse número uma entrevista com o presidente da Direcção do Orfeão, que já devia ter saído no número

A falta de espaço assim o determinou

Depois de uma série de reuniões havidas na F. S., foi resolvido que os alunos do F. Q. N. bem como os da F. F. que ali teem algumas aulas, retomassem os seus trabalhos, visto não ser justo que perdessem o ano apenas por uma questão de solidariedade.

Os restantes alunos, dos cursos directamente interessados na gréve, resolveram manter a sua atitude de intransigência.

#### ORIENTE

## FEATRO

Veux-tu les fleurs du prin-temps, les fruits de l'automne? Veux-tu être apaisé, charmè, enivrè? Veux-tu, dans un seul mot, le ciel et la terre? Je dis: «Sakountála!» •

Goethe-trad. fr.

Na literatura dramática indiana, o nome de Kâlidâsa avantaja-se na ordem cronológica e na contextura ao de todos os escritores dramá-ticos da época. E' a êle que cabe o mérito de ter conseguido a integração da alma indú no amplo e fecundo seio da Natureza, insuflando Vida e Paixão nos espíritos em delíquios de êxtase, quedados na con- regime do patriarcado na organiza- apertadas dos gineceus. A sua templação da quimera olímpica onde ção da familia. A divisão social era emancipação esvaiu-se ao contacto docemente se embalam, no ritmo de das mais simples. Não havia classe, do bafo quente e esterilizante das harmonia universal, as almas hunem castas. Os hinos religiosos dos divindades bramánicas que avassaharmonia universal, as almas humanas das divindades védicas.

Até o advento do periodo paurânico da historia da India a mentalide de indú consegra-se á literatura religiosa. A letra sagrada dos Vedas transmite-se pela tradição oral nas grupo, como nos regimes endogâcanções dos bardos-erishis». As sas-micos. A mulher não era tomada tras de Manú preceituam ao b âmane, ao chatria e ao vâixia o estudo e o ensino dos Vedas. Valmiqui e Viassa, nos dois grandes monumentos da literatura indiana, Ramayana e Mahabharatta, narram os frequentava logares públicos e fesfeitos humanos dos deuses que tividades, tomando parte nas práliabandonam as serenas regiões sidéreas para intervir nas coisas terrenas. mais amplos que os que reclamam o ritu lismo das Brahmanas opõe--se o racionalismo dos Upanishads. E, enquanto as inteligências se deliciam com as concepções teogóni- da côrte de Janaka, e Matreyi, na do nirvâna aqueles que pautassem cas, o homem é tido por penitente, penumbra melancólica do seu bou- a vida pelas normas dos bons cos-expiando o crime do nascimento doir estudava os Upanishads No tumes. Le boudhisme—diz Anatole no cárcere da vida: - o mundo.

Sakuntalâ, a melhor joia do escrínio da literatura indiana, oferece the Hindus. ao nosso exame a sua principal No periodo seguinte, sob a in-característica. O sobrenatural é o vinco indelevel da religiosidade sou a ter a sua significação religique soube resistir aos golpes de osa. A divisão em castas arrastava camartelo da filosofia búdica, a con- necessariamente a limitação dos trastar com a divinização do amor, cruzamentos em grupos endogâ-a liberdade de as almas se apro- micos. As Sastras de Manú regulaa liberdade de as almas se aproximarem conscante as suas afinidades espirituaes.

Porêm, no venturoso reinado de Vikramaditya, em plena prospe-ridade económica e social do Estado, novos, a imaginação abraça a Natu- sentir na tendência para a vida con- á fatuidade da multidão, para quem quem as ideias individuaes.

vidida em quatro períodos: védico

### POR Constancio Mascarenhas

Vedas transmitiam-se por tradição oral nas canções dos rishis. E houve mulheres que o chegaram a ser. O amor não sofria a limitação da sua esfera, circunscrevendo-se a um como mero instrumento do prazer, como o foi entre outros povos na aurora das civilizaçáes. Ela era a companheira e não a escrava que livremente se movia na sociedade, cas religiosas. Os seus direitos eram as sufragistas... contemperâncas. Gârgi Vâchaknavi foi a mulher que mais se distinguiu entre os letrados

mentaram o casamento, a alimentação, o asseio, etc. Todos os actos ficaram condicionados á vontade divino. A vida era uma liturgia.

A história milenária da civilizamulher sofria imenso na sua liberção indú podemos considera-la didade, vendo-se privada do culto dades neo-bramánicas não são tão teatro—para polarizar o público. das letras, o qual foi confiado ao altaneiras nos seus caprichos. bramânico, búdico e pâurânico. O brâmane e ao châtria. E a falta da vêdico, anterior so estabelecimento de ducação mental refletiu-se na didireo da literatura indú. Do condição social da Arte, indicaram so povo do regime de castas, caracteriza-se minuição da sua condição social e certo harmónico de todas as manifindú as fontes imarcessíveis da pela simplicidade do ritualismo e o doméstica, encerrada nas grades festações da mentalidade indú re-

laram a consciência da India por forma espantosa e aterradora.

Mas o excesso da religiosidade é sempre a causa principal da sua decadência. Quando uma religião passa do campo da Moral para o descamba na mais complicada liturgia, quando o poder sacerdotal não possa a atinge as ráias do absolutismo in criminoso." toleravel, germina nos espiritos a semente da dúvida e da revolta. a reforma luterana.

A filosofia búdica, que inspirou a Teoria de vontade de Schopenhauer, não passava de prédica de Stroijini Naidu. moral, que prometia a quietude ancient nation - escreve Dutt-held France-n'est presque pas une rélitheir women in higher honour than gion; il n'a ni cosmogonie, ni dieu, No periodo seguinte, sob a in- une morale, et la plus belle de toutes; c'est une philosophie qui s'ac-

hardies de l'esprit moderne. dividuo, pois a crença na eternica contra o teismo exagerado do dade é o principal esteio das reliperíodo bramânico. A consequencia desse fracciona- giões. A morte, representando o

sultou a Renascença indiana. Porém, ao tempo em que se esboçava êsse movimento ressurrecional, a condição da mulher era das mais

De companheira do homem, com equaldade de direitos, passava a ser sua escrava, \_obrigada ao sacrifício da própria vida apoz o ultimo suspiro do seu marido e senhor. Essa prática de sacrifício, originariamente pertencente ao povo Scyta que invadiu a India no declíneo do período búdico, denominava-se satty, e consistia em fazer subir a viuva para uma pira, onde as chamas do fan tismo a queimavam num acto de purificação redentora. "O fanatismo e a violencia - escreve Alexandre Herculano—são inseparaveis onde a violencia é possível. Quando o fanatico ultrapassa os limites do moral e do justo é porque, pervertida a razão, a consciencia que se ofusca lhe diz que a religião o exigeda Politica e o ritualismo exagerado Transposta a barreira da conscien. cia, não ha abuso ou crime a que ele não possa atingir sem ser em rigor

De ha um século para cá, em todo o território da India foi abo-Foi o que acendeu na India a re-acção budista e originou na Europa sacrifício das viuvas,—e a alma felid a prática horrivel e bárbara do minina, liberta da dura tirania de um preconceito religioso, vibra e palpita nas estrofes maravilhosas

Se a literatura é a expressão da sociedade, é nos documentos literários que se deverá surpreender os fenómenos que caracterizaram os cíclos da história de um povo. Na literatura europêt o teatro recorde avec lhes spéculations les plus presenta a reacção popular contra hardies de l'esprit moderne. Esta doutrina fez o proselitismo mentos no fim do período medic-contingente a uma ideia nova em val. Na literatura indiana o teatro marcha. A promessa do nirvâna aparece com o neo-bramanismo, era uma esperança risonha luzindo a representar a reacção dos espiri-no instinto da conservação do in-

Com o desaparecimento do bua inteligência indú divisa horizontes mento não tardou que se fizesse desaparecimento completo, repugna dismo, o regime de castas voltou novos a imaginação abraça a Natureza, a emoção subtiliza se e a re-ligiosidade sofre o abalo da filosofia búdica. Sente-se a alvorada do pe-sava. E é talvez devido a essa pers-todos os homens no terreno neutro ríodo áureo da literatura. Kâlidâsa, crutação do infinito que se esboçou do nirvâna, exacerbava os sectários agregado aocial, vence todos os Bhânabhatta e Bhavabhuti criam e o movimento filosófico da época. De Brahma, que sentiam diminuir obstáculos, transpõe todas as barexalcam o teatro indú Para a pro- Privado de todos os atrativos ma- o prestígio das castas superiores reiras—e chega a comover os pródução de obras notáveis - afirma teriais que nos grandes centros se na hierarquia de Manú. Dahi, o ter prios deuses. E' que na literatura, Taine—duas coisas se fazem neces realizam hoje com facilidade, o escorraçado da península, a embora ela represente a daguer-sárias: a vivacidade de um senti pirito sentiu-se mais propenso para despeito da beleza moral da sua reotipia dos costumes da época, as mento expontáneo e o auxílio de se lançar na carreira de congemiidelas que alimentem e multipli nação, da ánalise, do raciocínio, ter apagado o vinco do septicismo crições religiosas não podem ter a enfim, da filosofia. No entanto, a nos espiritos que haviam sofrido o rigidez de sistemas. Carecem de se

> E os autores dramáticos indianos, Ao budismo seguiu o período com a justa compreensão da missão

#### ORFEÃO E TUNA

# ENTREVISTA

#### Celso de Magalhães, o activo presidente da Direcção da Tuna e Orfeão Académicos, falou ao nosso

As suas palavras, certamente esperadas com anciedade por todos aquêles que se interessam pelos organismos a cuja Direcção preside, são animadas duma crença firme no resultado dessa obra que êle tomou a sério e se propõe levar a cabo com a cooperação valiosa dos seus colaboradores -: o ressurgimento da nossa Tuna e do nosso Orfeão.

E o primeiro passo firme, para alcançar êsse desideratum, está na apresentação dos Estatutos, já aprovados em Assembleia Geral, e em vias de publicação, facto êsse de fundamental importância, contra o que se possa levianamente julgar, como se depreende da conversa com Celso de Magalhães, que passamos a reproduzir:

-Olhe, meu amigo: a Direcção começou por onde era natural e lógico que começasse: — pela montagem da máquina. Ora a principal peça já está montada, com a aprovação do Estatutos apresentados.

-E para a montagem da máquina, como você diz, aproveitou-se alguma coisa da engrenagem antiga, ou trata-se duma organização absolutamente nova?

- Engrenagem antiga... Ora ai está uma questão embaraçosa.

Vejo-me talvez obrigado a ser severo para com os meus colegas das Direcções anteriores, a alguns dos quais me ligam laços da mais viva simpatia, e a todos o mais firme sentimento de camaradagem.

Mas, confesso, engrenagem antiga - não sei bem o que isso seja. O estado em que a actual Direcção encontrou a Tuna e o Orfeão é por todos os modos deplorável.

- Todavia, alguma coisa devia ter encontrado que lhe falasse do passado de dois organismos que, de facto, existiram...

digo: a actual Direcção, ao tomar dades. posse, pouco mais encontrou, que lhe falasse da vida anterior da Tuna e Orfeão, do que um registo de dívidas, na importância total aproximada de 15.000\$00, e um outro de créditos, por assim dizer incobráveis, na importância de 1.000\$00, aproximadamente. De resto, nem lios de actas das Direcções, nem nem dinheiro, nem mesmo quaisquer apontamentos sôbre passadas excursões e festas.

-E, todavia, andou-se por Madrid, pela Galiza...

- Pois dessas excursões, nem um apontamento em que possa basear-se a sua história, que seria in- ra, metódica, progressiva. teressaate arquivar.

Apenas isto: uma corôa de louros, trazida como trofeu de Madrid, e a dívida, aínda não paga, ao nosso rior; a sua administração fica mon-ressante e simpática?

### COM Celso de Magalhães

cônsul na Corunha, e actualmente tada em bases sólidas, rígidas deem cêrca de 10.000\$00.

- Uma saüdade e... um pesa-

... Esta dívida, pelas circunstâncias em que foi contraída, devia ser considerada, pelas anteriores Direcções, como verdadeiramente sagrada. De resto, o nosso cônsul na Corunha, pelo seu altruísmo e mos que dirige. espírito de sacrifício para com a Tuna e Orfeão, é bem digno da gratidão de tôda a Academia do

deve ter feito para a liquidação des- fôrço, do seu carinho, do seu entusas dívidas...

-Não me parece. Chegou-se ao ponto, até, de desprezar, por incompreensível desleixo, elementos que, em certa altura, fôram postos à disposição do Orfeão, e que hoje já não podem ser aproveitados, por ter passado a oportunidade!

Como se chegou a tão grande

desorganização?!

—De facto, não se encontra fácilmente uma explicação para tamanho descalabro, que chega a ser das efectudas, no ano findo, pelos inconcebível. As Direcções sucederam-se sempre na mesma caótica bra. administração, a que os respectivos Conselhos Fiscais ligaram tambêm projectada? a sua responsabilidade, não se interessando mais do que elas pela normalização da vida de dois organisgravemente comprometida, afectan- em público no fim dêste mês, num dever. do, de certo modo, o prestígio da espectáculo que organizaremos num Academia do Pôrto.

Quere dizer: - Não havendo - Já que você insiste, eu lhe organização, não havia responsabili- Beiras-primeiro Vizeu, depois, pos-

> da Direcção da sua presidência cuja o resultado que esperamos, fechareresponsabilidade fica definida pelos mos naturalmente com um espectá-Estatutos.

à Tuna e ao Orfeão, uma continuí- empreendimentos. dade moral e material, uma personalidade social, que até aqui não feão? tinham: nêles se definem perfeitaregisto de sócios executantes, nem mente as atribuíções dos corpos ção é mais difícil, tanto mais que país para em seguida dar um salto conveniente escrituração de contas, gerentes, dos directores artísticos, pensamos imprimir-lhe uma orien- a certa terra de encantamento... dos sócios executantes e demais tação absolutamente nova, o que de

Alarga-se o âmbito das inscri-|rector artístico. ções, criam-se receitas, regulam-se as despezas.

Orfeão uma orientação disciplinado grar na vida orfeónica muitas das

D'ora-àvante, já não são possí- ferentes Faculdades. veis os desmandos, as confusões que caracterizaram a sua vida ante- sua cooperação numa obra tão inte- feões...

finidas.

- Isto quanto à administração. Pelo que diz respeito à orientação artística, póde dizer-me alguma coisa?

-Posta a casa em ordem, a Direcção confia plenamente no êxito artístico e recreativo dos organis-

-Os regentes...

-... São uma garantia, Para o Orfeão, foi convidado o Dr. Aarão Lacerda, que à sua reorganização Contudo, alguma coisa se prometeu dar o melhor do seu essiasmo de verdadeiro artista.

A' frente da Tuna, continua a batuta competente e apaixonada do Eng.º Modesto Osório.

E' com êstes regentes que eu espero vêr ressurgir, finalmente, a Tuna e o Orfeão do letargo em que últimamente se vinham debatendo, os quis poderão assim abalançar-se a excursões que nada fiquem devendo às melhores anteriormente nossos colegas de Lisbôa e Coïm-

- Mas sem dúvida. A Tuna, cuja preparação se vem fazendo com regularidade — direi mesmo: mos, cuja finalidade estava sendo com entusiasmo — apresentar-se-há dos nossos primeiros teatros.

Seguir-se-há uma excursão pelas O mesmo não se poderá dizer co...-E, se desta excursão tirarmos

- Pelo que diz respeito ao Or-

Assim desejaremos vêr no Orfeão um grupo de vozes femininas, Imprime-se à vida da Tuna e do para o que se torna necessário inte-

- Olhe: aínda há pouco, a notável apresentação de canto coral minhoto, realizada pelo ilustre professor Dr. Gonçalo de Sampaio, nos veio mostrar como não é impossível organizar um conjunto harmónico de rapazes e raparigas, todos colegas, para o que só é preciso um pouco de boa-vontade.

Tem então confiança em que o Orfeão vai viver, enfim, uma vida nova?

- Eu estou certo de que o Dr. Aarão de Lacerda, pelo seu entusiasmo e pela sua competência de verdadeiro artista, vai fazer viver, ao Ofeão Académico, dias de inolvidáveis triunfos.

E' certo que S. Ex.a, pelos seus multos afazeres, não póde por enquanto, dispensar-lhe tôda a atenção que deseja dar-lhe.

No entanto, eu posso afirmare jubilosamente o faço - que o Orfeão vai renascer para uma vida absolutamente nova e intensa, e que, dentro em breve, ao lado da Tuna triunfante, poderá afirmar, na Academia da Pôrto, as velhas e românticas tradições da Academia Portuguêsa.

- Você confia nos resultados dos esforços da Direcção a que

preside?

- Certamente. Como tambêm tenho fé em que os nossos colegas, compreendendo a nossa boa vontade, correspondam com o seu interêsse, inscrevendo-se no Orfeão e realizadas, podendo até aproximar-se na Tuna, e ajudando-nos a liquidar o mais rápidamente possível os compromissos anteriores, sem o que a obra em que nos empenha-E já têm alguma excursão mos não será perfeita como dese-

E creia o meu amigo: se a Direcção conseguir realizar o que nesta conversa ficou esbocado, ficará com a conciência de ter cumprido o seu

Celso de Magalhães, que ininterruptamente vem trabalhando com os seus companheiros da Direcção. sem entusiasmos balofos, mas antes sívelmente, Guarda, Castelo Bran- com serenidade e persistência, ao falar ao P. A. teve o cuidado de não fazer promessas capciosas.

E assim, nem sequer se referiu culo em Lisbôa. A seguir é que nós a um interessantíssimo projecto em - Exactamente. Por êles se dá, pensaremos, a valer, em mais largos estudo de que, por outra via, temos conhecimento.

Segundo êsse projecto—que nos perdoem a inconfidência - começarse-ia por uma digressão ao sul do

Celso de Magalhães apenas quiz resto, é mais atribuíção do seu di- afirmar—como se viu—a confiança que tem em que muito de interessante se há de fazor, no que diz respeito à Tuna e sobretudo ao Orfeão.

E pela maneira como justificou nossas interessantes colegas das di- a necessidade dos Estatutos, compreende-se perfeitamente que não E não julga difícil conseguir a está disposto a... brincar aos or-

Joaq. M.

«A Dôr é um succedáneo da Vida».

(Dum caderno de notas)

... Logo ela é uma companhia inseparavel do homem.

... E esta é a razão porque eu tenho pena de todos os malucos que trabalham pela Felicidade, pela utopia edénica, sejam eles profetas ou políticos, sábios ou filósofos.

Viver é sofrer.

... Não é preciso têr Schopenhauer na estante para saber isto. Basta ter costela La Palisse...

E' claro, viver não é sofrer apenas. E' sofrer sobretudo. O que é diferente. E neste ponto estou ainda de acordo com Hegesias.

E' certo que é preciso distinguir a Dôr verdadeira-ca sentida,» da Dôr fingida, - «a literária»

Dizer que se sofre é de bom tom. E' chic.

... Por isso a Dôr é o lugar comum dos Artistas.

... E talvez seja por isto que eu, dôres dos Artistas...

Artificio...

Para mim toda a dôr intelectualisada, bem adjectivada—deixa de ser Dôr. Quando muito pode ser o éco duma dôr já morta. Uma remniscencia.

Verdadeiramente só acredito no sofrimento dos que choram em Silencio—sem palavras. Nem gritos sequer.

Desconfiai daqueles que exprimem bem a sua dôr. Mesmo aqueles \_ou antes: sobretudo daqueles... -que fazem dela um poema.

Antero escrevendo sonetos com sangue, como diz o seu prefaciador e amigo de Aguas Ferreas, engordava como um sibarita na sua te-baida de Vila do Conde.

E' o Eça que o diz.

Qual será o motivo do seu suicidio: a metafisica ou a dispepsia?

(Continua na 5.ª pagina)

# DôPARTES Plasticas Uma Conferencia

realizado. Pêna foi que a assistencia palavra fluente e harmoniosa. fosse pouco numerosa, embora a não aconteça p'ra futuro, para que gações prendam e encantem. não julguem os ilustres conferentes

foi uma conferência... foi mais: foi francês. uma consagração – aliaz justa – aos meritos incontestaveis do celebre escultor HOUDON. Mr. Réan na sua linguagem expontanea e simples, na em geral, estou de pé-atraz com as de raro valor artistico e nitidez ex- Aarão de Lacerda, que presidiu à E' que a Arte se é equivalente obra do grande artista françês, que que lhe eram devidas e da homenade Beleza, é tambêm sinónimo de no dizer de HOURTICQ "captait gem que incontestavelmente mere-

preocupação do fraseado, com a aplausos da assistencia. simplicidade clara dum fino critico compatriota e um profundo conhecedor da matéria. Embora se referisse minuciosamente à parte monuprojecções, mais clara tornaram a ad- extrangeiro. miravel "causerie" do insigne historiador.

Confrontando os dois "VOL-TAIRE» de Pigalle e de Houdon, Mr. Réan foi fertil nas suas comparações, fazendo prevalecer-ao que ninguem se opõe-a magestosidade do trabalho de Houdon sobre a nudez es-

Positivamente, Mr. Réan não trouxe novidades ao nosso meio culto, conhecedor e apaixonado de rante alguns momentos toda a Arte coisas de Arte. Mr. Réan embora francesa dos Seculos XVIII e XIX e

A conferência que Mr. Louis falasse de coisas velhas e sabidas, Réan realizou no passado dia 6 na soube no entanto, o que não é vulsala de Física da Faculdade de Sci- gar e facil, envolve-las num manto ências, foi indubitalvelmente mais de frescura, trata-las com rara profium triunfo a juntar à serie de con- ciencia, não fatigando o auditorio ferências que ultimamente se teem mas sim prendendo-o com a sua atentado contra os direitos legal-

Muitas das suas ironias, que causa disso se explique com a in- quasi passaram despercebidas pela suficiência de avisos e com a época sua rapidez e leveza, mostram bem que passava de gréve e férias acadé- o completo conhecimento que posmicas. Bom será no entanto que tal sue, para que as suas doutas diva-

A galeria assombrosa das Obrasextrangeiros que não temos publico primas de Houdon passou pela aspara tais assuntos nem tão pouco sistencia numa apoteose brilhante, gentileza para pagar as suas visitas. dirigida superiormente pelo seu es-A conferência de Mr. Réan, não pirito fino e desvelado carinho de

linguagem expontanea e simples, na O ilustre professor da ESCOLA sua magistral e interessante «cau- DE BELAS ARTES DO PORTO serie", com projecções luminosas e FACULDADE DE LETRAS, Dr. traordinaria, analizou com fino cri- conferencia, soube como sempre tério e extrema minucia, a vida e rodear o conferente das gentilezas la vie et la fixait, sans l'éteindre, en ceu. Esboçando rapidamente a vida des formes d'une pureté impécca- de proveitoso trabalho e aturado estudo do conferente, o ilustre pro-Mr. Réan, naturalmente, sem a fessor soube ser o interprete dos

Teixeira Lopes, o grande escule historiador de Arte que é, falou tor portuense, que fazia parte da da obra de J. A. Houdon como um mesa e que ultimamente recebeu a consagração da França, teve do conferente uma prova de desvanecedor carinho e profunda admiração. Mr. mental da Obra de Houdon, alargou Réan, referindo-se à Obra notavel mais as suas considerações sobre do auctor do «CAIM», disse senos bustos em que o auctor do tir-se feliz por ver a consagração Universidade. A todas elas temos avOLTAIRE» se imortalizou, fazendevida que o seu Paiz lhe fez presentation e apraz-nos constatar a do por vezes comparações curiosas miando um excultor português no- perfeita homogeneidade de pareceque acompanhadas das suas belas tavel na sua terra e admirado no res. Antes assim. Ao passo que

Pêna é que como rloudon, não encontrem os artistas portugueses, quem os tire do esquecimento em que estão ou da ignorancia em que ficaram, fazendo com que se lhes quelética e decrepita do de Pigalle, tribute o cuito, o respeito e a atenção que merecem.

Mr. Louis Réan fez reviver du-

# A'cerca da

Porto Academico, como orgão defensor da Academia do Porto, tem seguido com o maior interesse as reclamações formuladas aos Supremos Poderes pelos alu-nos da F. S., F. T. e I. S. T. Tem analisado os decretos saídos e os projectos apresentados ao Parlamento, manifestando o seu grande desgosto e confessando que não tem havido de quem compete, vontade de solucionar tão grave conflito.

O decreto do Snr. Ministro da Instrução, não vem de fórma nenhuma satisfazer os interessados porque representa um verdadeiro mente conquistados á custa de muitos anos de estudo.

Não é, nem muito nem pouco, o que os alunos da F. S. e F. L. pediram. E parece-nos bem extra-ordinario que S. Excelencia o Snr. Ministro da Instrução atendendo ás reclamações das F. S. e F. L. das trez Universidades da Republica tivesse elaborado, assinado e feito assinar pelo Snr. Presidente, um decreto que só prejudica aqueles.

A alinea (a) do referido decreto coloca em igualdade de circunstancias um formado pela E. N. S. e um qualquer bruto que possa, mercê dos seus conhecimentos e amizades particulares, comover as entidades superiores. Ora isto não pode ser. Demais o Snr. Dr. Santos Silva que tambem é professor do Liceu devia prevêr a hipotese de ter amanhã como colega um individuo que iria desonrar o professorado. S. Excelencia não deve tambem ignorar que as licenciaturas não se fizeram para outra coisa que não fosse uma completa preparação para entrada na E. N. S. e que por sua vez, esta forma professores.

Tem havido inumeras reuniões na Faculdade de Sciencias da nossa

embora, repetimos, não trouxesse novidades ao nosso Paiz, trouxe à Universidade do Porto uma noite de Arte que deixou todos aqueles que a ela assistiram, plenamente satisfeitos pelo prazer espiritual que durante algumas horas, ali foram re-

### A'cerca da GREVE **ACADEMICA**

isto acontece no Porto os alunos da F. S. de Lisboa contemplam a beleza magestatica do Tejo, assis tem aos debates políticos do Parlamento, dão o seu passeiosinho pela Baixa, esperando sem duvida nenhuma, que os colegas do Porto e Coimbra lhes façam uma cama bem feitinha para repoisarem ao fim de tanto trabalho.

Depois falem em solidariedade

e outras coisas...

Ainda havemos de conversar

a êste respeito...

Ah! Justiça, Justiça, se tirasses a venda que te não deixa vêr e observasses o que val por êste jardim á beira-mar plantado, mandavas as balanças ao diabo, arregaçavas as saias para que a onda de lama as não sujasse e davas ás de Vila-Diogo para só parar na Cala-

I. S. T. e F. T.—Exemplo maravilhoso, atitude dignissima. Estes sim. são daqueles de antes quebrar que torcer. As nossas felicitações e os melhores desejos de que haja dos Poderes Superiores o que já há muito deveria ter havido: com-pleta satisfação dos seus pedidos

estabelecimentos de ensino superior tem dado provas duma competencia incontestavel, boa orientação, largueza de vistas.

Colegas desta natureza são bem dignos de todos os elogios.

Chega-nos á ultima hora a noticia de que a F. L. de Coimbra resolveu abandonar novamente os trabalhos escolares. Não recebemos por enquanto confirmação oficial.

Estes procuram agora emendar ainda vão a tempo e daqui por diante não se esqueçam da quadra bem popular.

> Cantigas leva-as o vento Cartas de amor são papeis.

os estudantes das Escolas Superio- e caracteristicamente moderno. res não retomassem as aulas. Se assim é, não deixa de ter graça a guma cousa: — é um dos nossos agradável e convidativo. atitude governamental. Por um lado melhores aguarelistas e é precisareconhece razão aos academicos, mas por outro lado não quer desprestigiar o poder ...

# ARTESDôr Plasticas Duas Exposições

Os óleos que Léon Appert teve mente da exposição de cartões que pirito do pesadume... não são positivamente da nossa Pôrto que vimos falar.

Pintar a Natureza não é transportá-la para a tela tal qual ela éé interpretá-la, é marcar-lhe as linhas ciaram devidamente as obras de Leicaracterísticas.

Há pois que modernizar a técnica e sentir mais os assuntos.

Menos pintura e mais sentimento são duas frases que os pintores de- foi a sua última exposição. viam ter bem presentes.

Léon Appert apresentou-nos trechos de Portugal, de Angola e de França, numa técnica muito igual onde não há um desmando, igual onde não há um desmando, S. Gonçalo de Amarante é um uma liberdade salvadora que nos belocartão; técnica segura, perspectiva interessasse e quizesse dar conta perfeita, muita luz e boa côr. do que o artista sentiu.

Leitão de Barros trata con

Há assuntos que Léon Appert trata de preferência: - a lua a espa-As Comissões dos alunos destes lhar-se nas águas atraiu-o sobrema-

Mas visto um luar, estão vistos negros, os mesmos toques de luz do que acabamos de afirmar. feitos a branco, os mesmos barcos recortados a preto de propósito para sobresaír no prateado da água. Parece que o artista pintou um luar e, como achasse bom, agarrou-se mada! Há sem dúvida neste cartão, ao processo, agarrou-se à técnica e ficou por ali.

No entanto Léon Appert é honesto, trabalha muito os seus óleos e, se não fôsse o errado propósito de seguir uma fórmula, se alargasse o erro de contiar demasiadamente dade, que é muito apreciável, talvez numa promessa. E' possivel que conseguisse dar-nos trechos mais arrojados e mais interessantes.

Leitão de Barros é um espírito

versos ramos de actividade, de to- sas ao sól (Ribeira). No entanto o Noticias que particularmente dos êles se sai brilhantemente: - artista fez bem em chamar «pochanos chegam de Lisboa, fazem-nos professor conscencioso, jornalista de ao n.º 27 Tôrre dos Clérigos, exagero. Aquele na monotonia socrêr que o Governo afirmou a alinteligente e arquitecto decorador pois, muito especialmente os priturna, halucinada e metafísica. guem que não trataria da solução que sabe imprimir a tôdas as suas meiros planos são pouco cuidados Este no pieguismo snob. Na pose. do conflicto Academico, enquanto obras um fio levemente sentimental e mesmo pouco reais.

expostos no Atrio da Misericordia realizou últimamente no Salão Silva

As suas aguarelas figuram em museus nacionais e estrangeiros.

Madrid e Rio de Janeiro apretão de Barros e quizeram possuír cartões do artista, quizeram tê·los sempre junto de si.

Tentemos dar uma ideia do que lha do Espirito,

Amarante deu ensejo ao artista Os trechos do rio espelhento e Dos fakires da Arte:

Leitão de Barros trata com muito carinho as águas paradas, dando-lhe transparência e obtendo efeitos de luz e de côr muito apreciáveis.

Os trechos do rio de Amarante todos:--os mesmos tons azulados e e o Lago do Rocio são uma prova

> Que belo efeito que o artista obteve, ao representar num dos lagos do Rocio a casaria ao sól por traz do Palácio dos Condes de Alum exagêro de colorido muito acentuado, mas que importa, se o conjunto interessa e nos detem alguns minutos a observá-lo.

> Leiteiras de Colares agradou-nos pelo assunto campestre e pelo modo como está interpetrado.

Das naturezas mortas distinguimos o n.º 39 em que um pote de barro vidrado faz valer por si só o quadro inteiro: - técnica vigorosa, pincelada larga e sobretudo um hipertrofiado. grande desassombro.

Leitão de Barros pintou o Pôrto, trechos flagrantes de Cultivando ao mesmo tempo di- realidade. Gostamos muito de Ca-

E para finalizar, aponto ainda o Mas Leitão de Barros é mais al- n.º 36 Na copa, um belo interior

(Continuação da 4.2 pagina)

Esta pregunta não é um acinte nem um sacrilégio. E' uma atitude carteseana e legitima. E' uma dúvida metódica...

...Quem a formula é o génio maligno que eu trago cá dentro, num match permanente com o es-

Meus amigos, acreditai nisto: os grandes desgraçados são mudos.

Por isso eu aborreço de morte os que são commis-voy geurs das suas amarguras. Esses são os vendilhões do sofrimento. São a cana-

Duvidai dos exóticos da Dôr.

Não acreditels nos que vos dizem que gozam, sofrendo. E' porque não sofrem.

E escarnecei dos que vos falam enfáticamente das suas dôres morais e estéticas.

Porque não há dôres como as dos calos e das unhas encravadas.

E duvidai da sinceridade dos que declamam sempre no mesmo tom. Sem dissonâncias.

Eu, pelo menos, detesto os que abusam da nota plangente e que, pelo meio das suas queixas e solucos, não metem de longe a longe, o assobio brégeiro do melro matutino

Por isso eu gosto de Camilo.

Raul Brandão abusa da paleta gorkiana. Tem o sentido trágico

E Antonio Nobre faz chantage da tísica.

O Humus o o Só pecam pelo

Gosto mais do Fel. Há aqui menos Arte e mais Verdade. Mais Dôr.

José SANT'ANNA

ALCANTARA DIAS

000000

0

Hespanha

França

## PASSAPOR

America do Norte

Rua do Loureiro, 60 a 62 PORTO TELEFONE, 762

Correspondentes das casas bancarias Guilherme M. Luiz, de New Bedford, Mass, na America do Norte e de todas as Companhias de Navegação.

QUE SE DIRIGE ESPECIALMENTE

DIRECTORES:

Artur Marques de Carvalho Vasco Rodriques Horacio de Castro Guimarães

Redacção e Administração - R. DE S. MIGUEL, 27-2.0

**වචචචචචචචචචචචචචචචචචචචචචචචචචචච** 

ACONSELHAMOS

eab saus linta a agua por ser uma tinta Higienica

Depositarios para Portugal e Colonias

ARIO COSTA & C.A.

PORTO—Rua do Almada, 30-1.º LISBOA—Rua das Pedras Negras, 24-1.0
—Rua do Nogueira, 26

Covilhã—Praça da Republica Coimbra-Rua do Nogueira, 26

Of languages and commerce

Instituto especializado no ensino pratico de linguas e comercio Professores nacionais e estrangeiros

RUA DA BANDEIRINHA, 78 - PORTO

DR. JAYME MAGALHAES

Doenças de garganta. Naris Ouvidos e boea Consulta das 9 ás 12 R. Santa Catarina n.º 108-1.º

DR. VEIGA PIRES CLINICA GERAL Rua de Santa Catarina n.º 108-1.º Consulta das 5 ás 7

Dr. Christiano de Moraes

Director da Maternidade do Porio Doenças de senhoras, partos e sifilis

Rua 31 de Janeiro n.º 115-1.º

Consulta das 4 ás 6

Dr. Bernardino da Silva

CLINICA GERAL

Tratamento especial de doenças de pele

Rua 31 de Janeiro n.º 100-2.º

Consulta das 4 ás 6

EXCELSIOR

R. de Cedofeita, 301 e 303

R. da Torrinha, 2, 4 e 6 Calçado com sola de Crepe Ceilão Calçado para senhora de tipo inglez.

LISHUA

Livros Nacionais e Estrangeiros

Os livros estrangeiros são vendidos do cumbio do dia:

Rua 31 de Janeiro

Todas as famílias dos estudantes devem, por todos os motivos preferi-la.

Nós não queremos outra

# DESPORTO

# ISTORI

A PRIMEIRA TRAVESSIA DO TEJO A NADO TERIA SIDO REALIZADA DURAN-TE O CÊRCO DE ALMA-DA PELOS ESPANHOIS?

Portugal, tão rico em tradições gloriósas e tão glorioso pelos feitos de seus filhos, bem se pode orgulhar de, entre tantos heróis, possuír mais um, cujo nome é infelizmente desconhecido, mas cujo feito se pode colocar à altura de outros, que valeram título de nobreza como prémio de grandes valentias e méritos. Não é um combate à arma branca, não é uma investida guerreira que vos vou contar. Muitas vezes o perigo faz o herói... o homem vendo-se perdido, rodeado de lanças e metralha, precipita-se para a frente com impeto de louco, disposto a vender caro a vida.

A exaltação do momento muitas vezes faz o herói. Mas é bem diferente o caso a que me vou referir.

grande. A nacionalidade conquis-tada à custa de tantos sacrifícios, Raça fazendo sortidas para os lados De facto, naquêle momento em que vessias do Tejo fazem-se em dias estava em perigo pela série de acontecimentos que se sucederam à morte de D. Fernando.

tugal reclamando direitos à corôa, mente o lado do rio, agora inútil ingressar nas nossas fileiras que pois de chegar à Ribeira Grande, depois de ter encerrado D. Leonor por terem sido destruídas as falúas depois alcançaram brilhantes era obrigado a subir rastejando, esnum convento. O povo defendia-se de que os nossos podiam dispôr. numa ância de Liberdade, juntava-se A fome e sêde atormentavam os em grupos e dava pequenos comportugueses que, chegando à noite, e D. Nuno, respectivamente o matador do Conde de Andeiro, e aquêle que, desde de criança, corria no peito, eram portugueses. à frente da sua espada fulgente os

ta-se a valorosa vila de Almada.

O povo dos arredores concende labricas e de montes de queimado,... bonito modo de encastoar um padrão das nossas glórias passadas.

Foi no castelo de Almada, donde se disputa um dos mais admiráveis panoramas da nossa terra, que se melhor se defenderem dos que nos vinham roubar a nacionalidade.

Chegaram os espanhois que cercaram Lisbôa.

de Arrentel e Cezimbra.

Mas o inimigo, muitas vezes de valor de nada servia que aquê- triunfo. superior, vai apertando um semi- les valentes se deixassem matar. D. João de Castela invadia Por-circulo de ferro deixando livre sòbates aos castelhanos, dos quais acendiam fogueiras para dar a coêstes não deviam gostar muito. nhecer aos sitiados da outra már-Dois homens, o Mestre de Aviz gem quanto era aflitiva a situação.

Mas combatia-se sempre..

Em Lisbôa desconhecia-se o que espanhois, e mais tarde foi o guer-reiro Santo, eram naquêle momento se podia comunicar com a vila por esta estar cercada e no meio do Entre as muitas vilas que se de- Tejo se baloiçarem orgulhosas algufenderam do ataque inimigo, con- mas galés castelhanas. Era necessário comunicar com Almada.

Um homem se apresentou então teria atravessado o Tejo? trou-se no castelo que fica na mar- ao Mestre de Aviz, prontificando-se gem esquerda do Tejo, sobranceiro a ir à outra margem. Atravessando serem estas as primeiras travessias ao rio. Em frente desdobra-se em o Tejo a nado, passando pelas treanfiteatro Lisbôa. O Tejo espraia-se vas e silêncio da noite, por entre ao longe, para o nascente só se di-visa uma faixa amarelada rez-vez à lado de lá informar-se-ia da situaágua — os terrenos baixos do riba-tejo. Para o Poente o Bugio e na faria de volta trazendo notícias. Foi atração irresistível. Para fazer a traoutra márgem a Tôrre de Belem, ... aceite o oferecimento e à noite o hoje cercada de velhos barrações, de fábricas e de montes de carvão rio, nadou para a outra margem fôrça de vontade extrordinária. deslizando como sombra pelo-costado dos navios inimigos, confundindo o marulhar da água com o ruído da ressaca.

juntou um punhado de heróis para não eram boas. Umas dúzias de ho-

levar a ordem para se renderem. inimigos o pressentissem. Algumas horas decorridas a ban- Que pêna não se sabe togo sagrado da Pátria ardia-lhes po depois ser derrubada por D. o que ia fazer, o perigo a que se ia Nuno Alvares Pereira e ficar rota, sangrenta e enlameada aos pés de Talvez fôsse vencido pela cor-O Mestre de Aviz nos Campos de rente e arremessado à márgem donde Aljubarrota.

Não sei. Oficialmente suponho que ficaram registadas. Seis vezes atravessou êste homem o Tejo.

O rio é cheio de correntes nos sentidos mais diversos, os sorve-

de embarcações, animado pelos incitamentos dos espectadores, pela música e pelos morteiros, sente fal-Passadas algumas horas o men- tar o ánimo encontrando-se em sageiro estava de volta. As notícias pleno Tejo, vendo-se arrastado para traz ou para a barra pela corrente conhecido, não se lhe sabe o nome, dos pela fome combatiam sempre enérgica, uma reacção formidável defendendo-se com heroísmo tor- contra o frio e o desánimo, para caram Lisbôa.

Inando Almada gloriosa. D. João que os membros realizem o seu feito de seus filhos!

Em Almada luta-se, os portu-vendo a inutilidade do esfôrço e trabalho automático e constante

vencendo pouco a pouco a corrente. Hora e meia a duas horas depois da largada da Trafaria sentem-se as areias de Pedrouços debaixo dos

Uma alegria enorme nos invade, triunfamos da natureza, vencemos a distância e cortamos as correntes.

A ovação é gradiosa, palmas, sorrisos, uma taça de honra e medalha de oiro. Horas depois os nadadores extenuados descançam incapazes de dar umas braçadas nos dias mais próximos.

Quando vejo a partida para Travessia, lembro-me sempre do mensageiro de D. João ao povo de Al-

Desconhecendo os modernos processos de nadar nos quais há o máximo rendimento de trabalho, que formidável energia teria tido aquêle herói para num curto espaço de tempo ter realizado perto de 36 kilómetros (ou mais), durante a noi-Portugal atravessava uma crise gueses em reduzido número afir- sentindo que não lhes podia dar te, passando, qual sombra, por enà Pátria eram tão precisos homens de sól e as chegadas são cheias de

O incógnito mensageiro fê-la Alguns conseguiram fugir para nas trevas profundas da noite e decondendo-se como reptil entre as Novamente o mensageiro se moitas para chegar aos sitiados pela lança à água com rumo a Almada a porta de Mezão Frio sem que os

Que pêna não se saber o nome deira inimiga flutuava sôbre Alma- dêste mensageiro, dêste herói que da...-triste vitória-... para tem- antes de se lançar à água sabia bem

partira, ou então arrastado pela barra fora e extenuado pelo cansaço pereceria no seio das ondas. Ou podia triunfar do rio, ou melhor Alguem antes dêste mensageiro co mar e já prestes a cumprir a sua missão, ser aprisionado pelos

Em todos êstes perigos devia ter pensado o glorioso nadador.

Mas o heroísmo estava-lhe na alma, mediu bem quais os resultados da sua benéfica intervenção e dispoz da vida com sangue frio. Seis travessias fez, sentindo a água abrirse-lhe debaixo do corpo num desejo

O patriotismo, a heroicidade, a Quantas vezes o nadador rodeado energia e a fôrça triunfaram das morte, das trevas e da água.

Seria belo dar, na Travessia do Tejo, a uma taça, o nome de tão heroico mensageiro... mas como tantos outros heróis, êste ficou desmens destilados pela sêde e mirra- contrária. E' preciso uma vontade porém grata é a lembrança de que foi português.

Portugal sempre glorioso pelo

S. Rua José Faleda, 72

Telephone, 4014

# Instrução

### **UMA PROPOSTA**

Interessante-As "trases de efeito,, de certos jornalistas

Um dos problemas máximos de cuja resolução depende o futuro de Portugal é, sem dúvida, o da Instrução.

E os Supremos Poderes-intimamente absorvidos em questões mesquinhs que servem única e exclusivamente para cavar a sua ruina e a da Naciotialidade cuja direcção lhes foi confiada-têm, criminosamente, descurado êste assunto.

Não sou eu só a dize-lo, Milha-res de protestos se tem erguido, altos e desassombrados, proclamando a neces idade urgentissima duma reforma radical que ponha as nos-sas Escolas em conformidade com o acentuado progresso das Sciên-

Os espíritos mais cultos e lúcidos das nossas élites que o estrangeiro aceita como Mestres e que são os únicos a gritar a existência de Portugal como nação livre, veem, desde há muito e por todos os meios fazendo uma pro-paganda sublimemente patriótica no sentido de se elevarem as nossas Universidades ao nível a que elas deveriam estar se o Ministério da Instrução fôsse o que na realidade deveria ser.

E' triste, é miserável o abandono sistemático e parece me que propositado, a que tem sido votados os principais estabelecimentos de en-

Porque não há os fundos ne-

Não, porque não há senso governativo, porque não há sequer uma pontinha de remorso a lembrar que Portugal será amanhã, se lhe não acodem a tempo, um paiz de creaturas mediocremente cultas.

E, quando penso nisto, sinto um constrangimento enorme vendo a indiferença do Presente e o Futuro tenebroso que nos espera.

Parece-me porêm, que alguma coisa se pensa fazer no sentido de melhorar esta situação verdadeira-mente angustiante. Li há dias nas gazetas um projecto do Ex.mo Senhor Dr. Santos Silva-professor honesto e conscencioso que conheço desde os meus primeiros anos de Liceu-em que se pretende abrir um crédito relativamente pequeno em favor de Universidades, Liceus e outras Escolas. E' uma boa-vontade que marca, que prova desejos de trabathar e me vem afirmar que há ainda alguem verdadeira e cons cientemente inteirado das respon-

Dr. Lobão de Carvalho

Tratamento das doenças rebeldes pela quinésiterapia, massagens, gimnastica medica, luz, calor e electricidade.

Rua José Falcão, 72 Telephone, 4618

que ocupa, procurando no meio da barafunda política salvar o pouco que dignifica a nossa terra.

como tantos outros de supremo in- com o condutor de obras. teresse, prejudicado pelas inúmeras partidária ...

Sim, porque as «promessas» feitas até hoje chegam e sobram para transformar Portugal num autentico Eden. Não será tempo para vermos a sua realisação?

Examine-se com toda a consciência, com todo o critério, pondo de parte interesses pessoais e pugnando sempre pelo bem colectivo a cultura dos novos que irão dentro em pouco percorrer o caminho escarpado da Vida. E a nova sociedade por êles constituida será tanto mais perfeita e homogôgica obteve: Fraternidade.

tem de possuir a cultura estabele- referi já. cida nas leis e que as amizades po-

sabilidades do alto e delicado cargo liticas nunca equivalem a uma carta de curso.

Frize-se-lhes que o Engenheiro é o que cursou uma Faculdade Te-Ox lá não vejamos êste projecto cnica e nunca se pode confundir

E sabe-se que num paiz meriquestiúnculas de ordem puramente dional em que os sentimentos são os grandes orientadores da acção não é dificil fazer respeitar o que até hoje se não tem respeitado: a Liberdade de cada um, o trabalho de cada um.

> Fechem-se as Escolas Superiores por um espaço não inferior a dez anos

quanto mais nítidas e seguras io-rem as suas características de dife-num dos diários do norte. Perdoo renciação, colocando cada qual no ao autor porque creio que ele não seu logar, definindo-se-lhes plena- soube o que disse. E como reposta mente e sem ambiguïdades o seu não me consta de melhor nem mais campo de acção. Poderá assim obter-se o que até hoje ainda se não Srs. Ministros da Instrução e Finanças lhe deram apresentando ao Ensine-se-lhes que o professor Parlamento o projecto a que me

O nosso grande mal-dificil de

curar, é certo -reside no arrôjo com que indivíduos sem categoria scientífica ou literária formulam panacelas tendentes a resolver de pronto assuntos delicados e que exigem, mais do que nenhuns outros, conhecimentos profundos.

E, já que até hoje não temos sido mais do que simples executores em matéria de ensino importada dos paizes estrangeiros, vejamos, a êste respeito, a situação verdadeiramente notável dos principais paizes europeus.

Para não nos alongarmos em considerações analisemos e meditemos a forma como se preparam os professores na França e Suissa hoje em foco atenta a futura reorganisação dos nossos Liceus. E. em virtude da discussão de ensino técnico ultimamente reacesa e que originou o movimento justíssimo e nobre da Faculdade Técniea e I. S. Técnico, vejamos o que se passa na Suissa, paiz florescentíssimo simbolo da ordem, em que só são engenheiros diplomados os que cursam as Escolas Tecnicas Federais ou Universidades. E' a estes que compete os lugares de professores das inúmeras escolac técnicas médias. Atinge-se portanto o objectivo e que em Portugal se desprezade conflar o ensino a elementos completa e scientificamente habilitados e com a consciência do lugar que ocupam.

Na França o corpo decente dos Liceus é constituido por: 1.º professores com diploma de Agrega. tion; 2.º, Chargés de Cours que possuem simplesmente a licenciatura. Quer o diploma de Agrega-tion quer a Licenciatura são obtidas nas Universidades.

São suficientes, me parece, êstes dois exemplos para patentear com toda a clareza, no que respeita a competência, como lá fora se procede em matéria de ensino. Há a notar também que apesar da crise tremendissima que afecta a França sacudida violentamente pela Grande Guerra a população escolar aumentou consideravelmente e se não pensa em fechar Escolas Superi-

Senhores da Nação: porque estugal; mãos à obra e creiam que para êste fim encontrarão da nossa parte o modesto auxilio que podermos prestar.

Comecemos pela Instrução! Armando Fernaudes

#### DR. URGEL HORTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Ex-assistente do Professor Lagrange de Bordeus.

R. de Santa Catarina, 108-1.0

Consulta das 14 ás 16

## Porto Academico

#### Orgão da A. A. P.

aceita com prazer, nas suas colunas, toda a colaboração que, assinada por estudantes, contribua para o engrandecimento ou defeza da

### ACADEMIA